



A CONSTRUÇÃO DA MULHER NA POÉTICA DE CHICO BUARQUE

Nághila Cristina Amada da SILVA (UNEMAT)¹

Resumo: Este artigo tem por finalidade analisar os perfis de mulheres construídos na poética de Chico Buarque. Desse modo, a pesquisa visa compreender, através da análise literária, os sentidos postos nas canções de Chico Buarque, em que ele tematiza a figura feminina, entrando em conflito com o fato de que o feminino é considerado uma marginalidade social, em diversos períodos da história. A partir da década de 1960, inspiradas nos primeiros movimentos feministas, ressurgiram as feministas, que ansiavam a sua inserção na esfera privada e política; é, pois, atrelado a esta temática que Chico emergiu a fala da mulher, que naquele momento era excluída do cenário social. Soma-se a isso, o fato de que naquela época a música popular era uns dos meios para a expressão do pensamento político oposicionista contra repressão nacional. Em muitas canções desse artista-poeta-escritor, o sujeito do discurso é a mulher, tendo em vista que a voz poética coloca o eu feminino em evidência, pois, a mulher é quem fala.

Palavras-Chave: Poesia brasileira. Eu-lírico. Feminino. Chico Buarque. MPB.

Abstract: This article aims to analyze the profiles of women constructed in the poetics of Chico Buarque. Thus, the research seeks to understand, through literary analysis, senses put in songs by Chico Buarque, he studies the female figure, coming into conflict with the fact that the female is considered a social marginality in different periods of history. From the 1960s, inspired by the first feminist movements, resurfaced feminists, who longed to its insertion in the private and political spheres; is therefore linked to this theme that emerged Chico talking woman who at that time was excluded from the social scene. Added to this the fact that at that time popular music was the means for the expression of oppositional political thought against a national crackdown. In many songs of this artist-poet-writer, the subject of the speech is the woman in order that the poetic voice puts the feminine self evident, because the woman has spoken.

Keywords: Brazilian Poetry. I-lyrical. Female. Chico Buarque. MPB.

1. A mulher na criação literária: a poética

Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como *Chico Buarque*, é uns dos poucos músicos da Música Popular Brasileira que consegue tematizar a mulher e expressar seu desejo por meio de suas canções. De certo modo, essas canções trazem em si o ‘eu lírico’, onde predomina o marginal como protagonista, colocando as claras a negatividade da sociedade. Suas composições tornam-se, por força dessa escolha, a “oportunidade para um exercício de crítica social” (MENESES, 2001, p. 41), mostrando a verdadeira realidade do cotidiano, através da lírica.

O discurso de Chico Buarque dá voz àqueles que em geral não tem voz; assim, o feminino é considerado uma marginalidade social e, atrelado com esta temática, Chico, por

¹ Graduada em Letras. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. naghila_20@hotmail.com



meio de suas composições, faz emergir a voz da mulher, o que nos faz lembrar a tradição grega do *dionisiaco*, na qual ressalta a figura da mulher. Segundo Carvalho (1982), cantar o feminino é o traço poético mais importante de Chico Buarque, e que poucos artistas souberam traduzir tão bem, por meio do canto o sentimento feminino, quanto o próprio Chico.

Sua primeira canção, contendo a característica feminina, foi “Com açúcar e com afeto”, mas Chico não veio incluir esta música em seu LP, pois afirmou em entrevista que não cantou porque “naquele tempo ficava esquisito um homem cantar o feminino, tinha medo de ser chamado de bicha, pois estava entrando no meio artístico aquele preconceito, iriam achar que ele era homossexual” (CARVALHO, 1982, 29); sem coragem de interpretar a música, Chico fez com que a música fosse interpretada por uma cantora.

Ari Barroso, uns dos pioneiros em cantar o feminino, compositor da música “Camisa Amarela”, ao escutar a música na qual autor cantava o feminino, Chico perde de uma vez por todas o receio em cantar canções que expressavam o sentimento feminino, de modo que, ele mesmo passou a cantar suas próprias composições, apresentando a MPB essa grandeza poética.

Mas qual é a explicação de Chico Buarque ter essa característica de demonstrar em suas músicas o desejo feminino? Em entrevista, Chico responde a curiosidade de muitos:

Deve ser isto, em casa, vivo com mulheres, a Marieta, minhas filhas, Luísa, Helena e Sílvia, as amigas delas, as empregadas, até os bichos são cadelas, então eu acho que vou aprendendo”, - diz ele em tom de brincadeira. E continua: “Segundo um espírito eu fui mulher em outra encarnação”. (CARVALHO, 1982, p.34)

Buarque diz que não se empenha em ficar analisando o processo de saber de onde vem essa característica, embora uns digam que ele tenha sido mulher em outra encarnação, ou pelo fato dele ser do signo de gêmeos. Para ele, isso não importa, mas afirma que gosta desse mistério. Carvalho (1981), não se contentou com tal afirmação e acredita que tal explicação é fundamentada na noção de “anima”, que por causa desse “anima” Chico consegue expressar o que está dentro de si para fora, em suas canções. Carvalho (1982) *apud* Hall e Lindzey (1969) explica, de forma sucinta, a noção de “anima” á nível de textos:

O homem é essencialmente um animal bissexual. E no plano fisiológico, o macho e a fêmea produzem ambos os hormônios sexuais masculinos e femininos. No plano psicológico, encontram-se ambos os sexos características masculinas e femininas. A homossexualidade é apenas umas das condições, talvez a mais óbvia de todas, que deu origem á concepção da bissexualidade humana. Jung atribuiu a arquétipos o lado feminino da personalidade do homem e o lado masculino da personalidade da mulher. O arquétipo feminino no homem é chamado ‘anima’, o arquétipo masculino na mulher, ‘animus’. Esses arquétipos, embora possam ser condicionados pelos



cromossomas e glândulas sexuais, são o produto de experiências raciais do homem com a mulher, e da mulher com o homem. Em outras palavras, vivendo com mulheres, através do tempo, o homem adquiriu características femininas; vivenciando com o homem a mulher tornou-se masculinizada. O homem aprende a natureza da mulher em virtude de sua ‘anima’ e a mulher, a natureza masculina em virtude de seu ‘animus’. (p. 102)

Nessa perspectiva, Chico Buarque estaria praticando e exercitando seu “anima” ao compor canções com sentimentos feministas, pois segundo a teoria, a convivência com mulheres fez com que “Chico” despertasse tais características em sua vida artística com belas criações. Para Carvalho (1982, *apud* Riviére, 1970), o fato de Chico Buarque ser um artista, além de um criador, na verdade é o seu dom que facilita as coisas. Para o autor, os desejos dos homens pelas funções femininas aparecem abertamente em escritores que imaginam gerar suas obras como uma mulher, ou seja, em trabalho de parto, após sua gravidez. Independente da área, grande parte dos artistas trabalharam somente a personalidade da mulher, isto ocorre “porque as obras de arte são essencialmente formadas e criadas dentro da mente de quem as produz, pouco ou nada dependendo de circunstâncias externas” (CARVALHO 1982, *apud* RIVIÉRE, 1970).

Desse modo, percebemos o diferencial que está nas composições de Chico Buarque, pois, por diversas vezes o autor se ausentou do meio artístico. Em entrevista, ele afirma que se trancou num quarto durante nove meses para parir a obra *Fazenda Modelo* (1974). Vimos que Chico tornou explicitamente válidas as afirmações de Riviére, ele expressou isso de forma inconsciente, e é este sentimento de gestação que está em um verdadeiro artista. Em virtudes dos fatos mencionados, Chico Buarque de Hollanda, procura escrever além do que está em sua mente, pesquisando, analisando e valorizando as circunstâncias externas para expressar não só a personalidade feminina, mas pensar o desejo, o sentimento. O sujeito do discurso é a mulher, a voz dá vez é para ela, a mulher é quem fala.

2. A construção da mulher na poética de chico buarque

Segundo Meneses (2001), ao fazer referência à poesia de Chico Buarque, a poesia deste, alude-se mais do que poema. Em seu livro intitulado *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*, a autora faz uma análise das canções de Chico, enquanto letra, pois a canção popular, palavra cantada, letra e melodia forma um pacote único. Desse modo, ao separar um desses elementos, privilegiando, de certo modo a canção significará, terá certo sentido, sabendo que a música é produtora de significado. Assim, as canções de Chico fazem parte da



sensibilidade musical do brasileiro contemporâneo, isto é, em alguns casos é impossível “ler” tais letras, sem cantá-las mentalmente.

As canções de Chico apresentam um *eu lírico feminino* que, segundo os junguianos, seria o *anima* do autor. De fato, o poeta é aquele ser a quem é dado mais do que aos outros, ou seja, é dado o poder de se manifestar a vida dos afetos, como se tivesse uma grande possibilidade de contato com o próprio inconsciente pessoal e filogenético. A poesia é um espaço onde se permite ao inconsciente aflorar. O poeta dispõe do privilégio de ser ele próprio e, ao mesmo tempo, outro (a). É assim que nas canções de Chico Buarque emerge a fala da mulher, sob uma perspectiva feminina; como afirma Carvalho (1982) “esse ‘namoro’ de Chico com o feminino não se realiza somente nas músicas em que a mulher assume o sujeito do discurso. Mas também naquelas em que fala o sentimento feminino, ou de como a mulher age”. (p. 30).

Nesse sentido, Meneses (2001) faz uma distinção das figuras do feminino na canção de Chico: Mulher órfica e Mulher prometeica. A mulher órfica é uma mulher que não respeita o princípio da realidade, e continua a fazer determinada coisa sem se incomodar com a opinião alheia, estes são os seres que desatinam. Entretanto, a mulher prometeica representa as mulheres competentes, e opõe-se ao princípio da realidade, isto é, desenquadrando-se do sistema patriarcal. A autora ainda cita uma velha tradição grega o dionisismo:

Junto com a temática do marginal, em Chico Buarque emerge a fala da mulher – o que filia a uma velha tradição: a tradição grega do dionisismo. Pois o dionisismo se dirige sobretudo aqueles que estão fora da vida política, áqueles que estão à margem da ordem social reconhecida e sacralizada pelo culto cívico que era a religião da polis: escravos e mulheres. (MENESES, 2001, p.42)

Para complementar, Meneses (2001), apud Vernant (1965), diz que “o dionisismo, antes de tudo, é privilegiadamente um assunto de mulheres. Nesse sentido, são inúmeras as canções que trazem personagens carregadas de sentimentos órficos e prometeicos. As canções de Chico sugerem que o feminino se oponha ao comportamento que se refere ao princípio do desempenho, isto é, que se oponha a submissão imposta pela sociedade patriarcal. Percebe-se, portanto, que a construção de suas personagens parte da sociedade repressiva de épocas em que o feminino estava excluído da esfera da produção, alijada do mundo do poder. Suas canções carregam os sentimentos de cada uma dessas personagens, com intuito de protestar por elas. Mas, não dá pra falar da mulher sem falar do homem, e vice-versa; por isso, em algumas de Chico, não é a mulher quem sofre a repressão, mas a pratica. E por este motivo, é



o homem quem pede socorro para fugir dessa mulher que encarna em si o princípio da realidade.

Com base nesses aspectos, vejamos alguns trechos da canção “Com açúcar e com afeto” (1966) de Chico Buarque:

Com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa, qual o quê
Com seu terno mais bonito, você sai, não acredito

[...] Quando a noite enfim lhe cansa, você vem feito criança
Pra chorar o meu perdão, qual o quê
Diz pra eu não ficar sentida, diz que vai mudar de vida
Pra agradar meu coração

E ao lhe ver assim cansado, maltrapilho e maltratado
Como vou me aborrecer, qual o quê
Logo vou esquentar seu prato, dou um beijo em seu retrato
E abro os meus braços pra você

Percebe-se, por meios destes trechos, a construção de um tipo de mulher convencional, moldada pelo patriarcalismo, que fica em casa à espera do marido, uma mulher que deve obediência ao homem, tal como Eva. Nesse ponto de vista, a mulher não fala mais por si mesma, e sim pelas vontades do próprio marido, isto é, seria aquela submissa, aceitando a autoridade do seu parceiro; não tem voz ativa, somente a esperança que ele um dia irá mudar. Este tipo de mulher, segundo Meneses (2001), “participa indiretamente do universo do trabalho, que é a esfera das relações de produção na sociedade patriarcal, através do marido” (MENESES, 2001, p.46). Pode-se, ainda, fazer relação desse tipo de mulher com a canção “Mulheres de Atenas” (1976), onde Chico apresenta mulheres que vivem exclusivamente para seus maridos, seus desejos e anseios:

Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar um carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas, Helenas

Nessa perspectiva, Simone de Beauvoir (1970) apresenta um argumento muito interessante sobre tais comportamentos, ao afirmar que “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o sujeito, o absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR 1970, p 10).

A ideia do outro se caracteriza pelo olhar masculino sobre o feminino. Segundo Beauvoir (ibidem), ocorre que, a princípio, os indivíduos de uma nação, tanto por bem, como



por mal, são obrigados a reconhecer e oferecer a reciprocidades das relações, apesar das diferenças. Entretanto, entre ambos os sexos, essa reciprocidade não tem sido bem utilizada, muito menos compreendida. Um dos termos se impôs como único e essencial, negando totalmente a relação estável entre os sexos. Desse modo, entende-se que nenhum sujeito se coloca espontaneamente como inessencial, ou seja, não é o outro que se define como outro. Ela é posto como outro pela circunstância da convenção, ou seja, é preciso que ela se sujeite a esse ponto de vista alheio.

Traçando a linha de pensamento da autora acima, Moura (2001) nos traz uma ideia complementar:

Durante muitos séculos, a mulher foi vista como um ser inferior ao homem, em todos os meios (estético, social, histórico e político). O silenciamento feminino causou uma exclusão social da mulher ao longo da história. Isso aconteceu devido aos valores patriarcais existentes que via a mulher com o único propósito de procriação – reprodutora da espécie – não dando credibilidade à sua capacidade intelectual. (p.2)

A imagem da mulher sempre esteve interligada com a submissão, na qual durante séculos o único propósito de sua existência era de procriar; não era vista como ser pensante. Entretanto, nas canções de Chico a mulher nem sempre é representada como um ser submisso, pois em várias canções ela é apresentada como dominadora, um ser pensando e inteligente, isto é, a voz ativa e definitiva é da mulher, como na canção “Deixa a Menina” (1980):

 Não é por estar na sua presença
 Meu prezado rapaz
 Mas você vai mal
 Mas vai mal demais
São dez horas, o samba tá quente
 Deixe a morena contente
 Deixe a menina sambar em paz

Observamos acima a característica da mulher órfica, a quem não se importa com o incômodo de seu parceiro por ela estar sambando até às 10 horas da manhã. A voz poética clama pela liberdade da mulher (deixe a morena sambar/ deixe a menina sambar em paz). Um exemplo de mulher independente. Nesse sentido, Chico Buarque constrói suas personagens pensando não somente nas diversas situações do cotidiano, mas de acordo com a evolução social que permitiu ao sexo feminino novas conquistas.

Ao longo da canção, a mulher que está na janela vai para a varanda e para rua. A mulher sai do “interior do lar”, do recesso da casa, espaço a ela reservado, e se projeta no espaço aberto, sem molduras, da rua – pra viver duma vez a vida. (MENESES, 2001, p 92)



Chico discute também nas suas canções o sentimento das meretrizes e das mães. O homem, por sua vez, está sempre na rua, cuja mulher o espera em casa. Esta evolução da mulher, que parte de casa para rua, pode ser representada pela canção intitulada “Ela e sua janela” (1966), onde se nota um percurso da poética feminina na canção de Chico Buarque. Existe uma progressiva gradação da atitude feminina nessa canção, quando notamos a progressão na forma de pensar da mulher, nas mudanças de hábitos e dos desejos, em relação as suas atitudes perante o seu amante e a própria vida.

3. Referências

- AGUIAR, Joaquim. **A poesia da canção**. São Paulo: Scipione, 1993.
- ARAGÃO, Selma. A igualdade e a mulher brasileira. In: MARCIAL, Danielle. ROBERT, Cinthia. SÉGUIN, ELIDA. **O direito da mulher**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 1999.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: **Histórias das Mulheres no Brasil**. 5º Ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- BATTISTA, Elisabeth. **Literatura e Canção: entre o prazer e a inquietação**. UNIVERCIDADES, Periódico da UNEMAT, Cáceres, MT; Ano X, nº 156, Setembro de 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2º ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1967.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 4º ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BETTO, Frei. Chico, silêncio e palavra. In: **Chico Buarque do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista corrigida. Ed.1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- BOFF, Leonardo e MURARO, Rose Marie. **Feminino e Masculino. Uma nova Consciência para o Encontro das Diferenças**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRUNEL, Pierre. **Dicionários de mitos literários**. 2º ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CANDIDO, Antonio. O estudo analítico do poema. São Paulo: Humanos Publicações, 1996.
- CARVALHO, Gilberto de. **Chico Buarque: Análise poético-musical**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.



- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- EISLER, Riane. **O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- FERNANDES, Rinaldo de. Conformadas e recolhidas: análise de “Mulheres de Atenas”. **In: Chico Buarque do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- FONSECA, Eduardo. Lilith ou Liliath. **In: <http://www.yorubana.com.br/textos/lilith.asp>**, 2007. Acessado 09/05/2013.
- GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Editora África, 2004.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- LIMA, Roberto Gabriel Guilherme. **Sou dessas mulheres que só dizem sim: As mulheres descritas na poesia de Chico Buarque de Hollanda**. 2009. 83f. Dissertação em Literatura Comparada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.
- LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20º Ed. São Paulo: Afiliada, 2000.
- MENESES, Adélia Bezerra. **Figuras do Feminino na canção de Chico Buarque**. 2º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MIRCEA, Eliade. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MOURA, Andiara Maximiano de. **A construção de personagens femininas em Vozes num divertimento, de Luci Collin**. Dissertação de mestrado. UEM, 2001.
- ORTOLAN, Leandro Henrique. **O que não tem limite: o erotismo na poesia de Chico Buarque de Hollanda**. 2007. 181 f. Dissertação em Teoria Literária, Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, 2007.
- RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo. **In: Ética, religião e expressão artística**. Anais do III Congresso Internacional de Ética e Cidadania. 2007.
- SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Projeção de Mitos e Construção Histórica no Teatro Trágico: Gota D’água e os Degraus**. Campinas: Editora RG, 2008.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da. O protesto na canção de Chico Buarque. **In: Chico Buarque do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.
- PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. 6º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 5 ºed. São Paulo: Contexto, 2001.
- PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva: imagens arquetípicas da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus, 2008.
- WERNECK, Humberto. **Chico Buarque, letra e música**. São Paulo: Schwarcz, 2004.